

Cuidados de enfermagem na violência obstétrica: revisão de literatura

Nursing care in obstetric violence: a literature review

Cuidados de enfermería en la violencia obstétrica: una revisión de la literatura

Eline Cristina Guerreiro Rodrigues¹, Thais Gabrielly da Costa Ferreira¹, Itamires Laiz Coimbra da Silva¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar na literatura científica o que aponta sobre a violência obstétrica e os cuidados de enfermagem para prevenção desta ocorrência. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de escopo exploratório de abordagem qualitativa, as bases científicas que foram utilizadas são a Acervo+ Index Base e no Mecanismo de busca do Google Acadêmico. **Resultados:** Ao analisar os artigos selecionados, constatou-se que a violência obstétrica é considerada como um fenômeno de complexidade social na saúde da mulher, assim, requer mudanças na prática de suporte durante a gravidez, por reduzir intervenções médicas desnecessárias, haja vista que pode ser prejudicial à saúde física e emocional mulheres. **Considerações Finais:** A enfermagem tem um papel fundamental perante a prevenção das violências obstétricas, sendo responsável pela educação em saúde tanto para a equipe dos enfermeiros como para as mulheres, se tornando uma peça principal durante o momento do parto, sendo este o profissional de grande compromisso para impedir as situações agravadores a saúde da mulher e do bebê.

Palavras-chave: Violência Obstétrica, Cuidados, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To identify in the scientific literature what points out about obstetric violence and nursing care to prevent this occurrence. **Methods:** This is an integrative review of the literature with an exploratory scope of a qualitative approach, the scientific bases that were used are the Acervo+ Index Base and the Google Scholar search engine. **Results:** When analyzing the selected articles, it was found that obstetric violence is considered a phenomenon of social complexity in women's health, thus, it requires changes in the practice of support during pregnancy, by reducing unnecessary medical interventions, given that it can be harmful to women's physical and emotional health. **Final Considerations:** Nursing has a fundamental role in the prevention of obstetric violence, being responsible for health education for both the team of nurses and for women, becoming a main part during the moment of childbirth, being this the professional of great importance. commitment to prevent situations aggravating the health of women and babies.

Keywords: Obstetric Violence, Care, Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Identificar en la literatura científica lo que apunta sobre la violencia obstétrica y los cuidados de enfermería para prevenir esa ocurrencia. **Métodos:** Se trata de una revisión integradora de la literatura con alcance exploratorio de enfoque cualitativo, las bases científicas que se utilizaron son el Acervo+ Index Base y el buscador Google Scholar. **Resultados:** Al analizar los artículos seleccionados, se constató que la violencia obstétrica es considerada un fenómeno de complejidad social en la salud de la mujer, por lo que requiere cambios en la práctica de acompañamiento durante el embarazo, al reducir intervenciones médicas

¹ Centro Universitário São Lucas. Porto Velho – RO.

innecesarias, dado que puede ser perjudicial a la salud física y emocional de la mujer. **Consideraciones finales:** La enfermería tiene un papel fundamental en la prevención de la violencia obstétrica, siendo responsable de la educación en salud tanto del equipo de enfermeras como de la mujer, convirtiéndose en parte principal durante el momento del parto, siendo este el profesional de gran importancia en el compromiso de prevenir situaciones que agraven la salud de las mujeres y los bebés.

Palabras clave: Violencia Obstétrica, Cuidados, Enfermería.

INTRODUÇÃO

A maternidade é uma fase de grandes transformações psicológicas e físicas nas mulheres, das quais pode-se mencionar a ansiedade de como será o processo do parto. Logo, o parto era realizado em um ambiente doméstico, respeitando seu processo natural, sem a utilização de mecanismos para acelerar esse processo (SANFELICE C, et al., 2014).

No entanto, o “dar à luz” mudou significativamente ao longo do tempo, por exemplo, são os inúmeros tipos de parto como a cesariana, parto normal, presença de profissionais médicos treinados e/ou enfermeiras obstétricas, com a usabilidade de técnica séptica, medicamentos e manobras para ajudar a acelerar o parto. A inserção dessa técnica traz alguns benefícios, leva-se à desumanização do parto e abre caminho para a violência obstétrica (OLIVEIRA VJ e PENNA, CMM, 2017).

A Organização Mundial da Saúde, (OMS) caracteriza violência obstétrica como qualquer atitude desumana e desrespeitosa, ou seja, uso indiscriminado de ocitocina sintética, manobra de Kristeller, o que pode perpassar todos os níveis de atenção baixa, média e alta complexidade, além da negligência e maus-tratos maternos e neonatais, acarretam danos e/ou sofrimento psíquico e físico (OMS, 2020).

As estatísticas mostram que uma em cada quatro mulheres brasileiras que dão à luz no parto normal, relatam ter sofrido violência e/ou abuso em uma maternidade. Assim, ao olhar para o contexto da violência obstétrica, é indispensável mudar essa realidade e humanizar o cuidado à parturiente, o que engloba mudanças no ambiente e no trabalho dos profissionais de saúde (VIEIRA TFS, et al., 2020).

Dado o fato em questão, o Ministério da Saúde implementou a Rede Cegonha como estratégia voltada para a humanização do atendimento às gestantes, redução da mortalidade materna e neonatal, buscando o direito ao planejamento reprodutivo, humanização da assistência ao parto e questões relacionadas ao aborto e puerpério (RIBEIRO KG, et al., 2021).

Nessa visão, o interesse pelo tema se desencadeou durante o período de estágio, mais especificamente, durante o primeiro contato com a unidade do programa de Saúde da Mulher, o que estimulou um maior aprofundamento do conhecimento sobre violência obstétrica. Portanto, essa abordagem de estudo remete a seguinte questão norteadora da pesquisa: Quais são os cuidados do enfermeiro para prevenir a ocorrência de violência obstétrica? Diante dessa questão de pesquisa, buscou-se determinar quais pontos da literatura científica sobre violência obstétrica e cuidados poderiam evitar que isso acontecesse.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de Revisão de Literatura elaborado sob uma abordagem descritiva. A revisão de literatura é um método de pesquisa que tem por objetivo traçar uma análise sobre o conhecimento já construído em pesquisas anteriores referentes a um determinado tema. As etapas desta pesquisa serão realizadas a fim de identificar informações relevantes ao tema (GIL AC, 2018).

Para elaboração da presente revisão de literatura, foram percorridas as seguintes fases: 1ª etapa: elaboração da pergunta norteadora, após a elaboração da pergunta, foram escolhidas as palavras-chave/descriptores, sendo elas: Cuidados, Enfermagem, Violência Obstétrica.

2ª etapa: O levantamento dos artigos foi realizado por meio do site da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo as bases de dados: Acervo+ *Index Base* e no Mecanismo de busca do Google Acadêmico. Para a busca dos artigos na BVS, foram utilizados os descritores e os artigos selecionados. Nos critérios de inclusão foram incluídos artigos disponíveis com texto completo e em idioma português. Posteriormente, os artigos foram organizados por ano, periódicos e metodologia, essas etapas foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 2022.

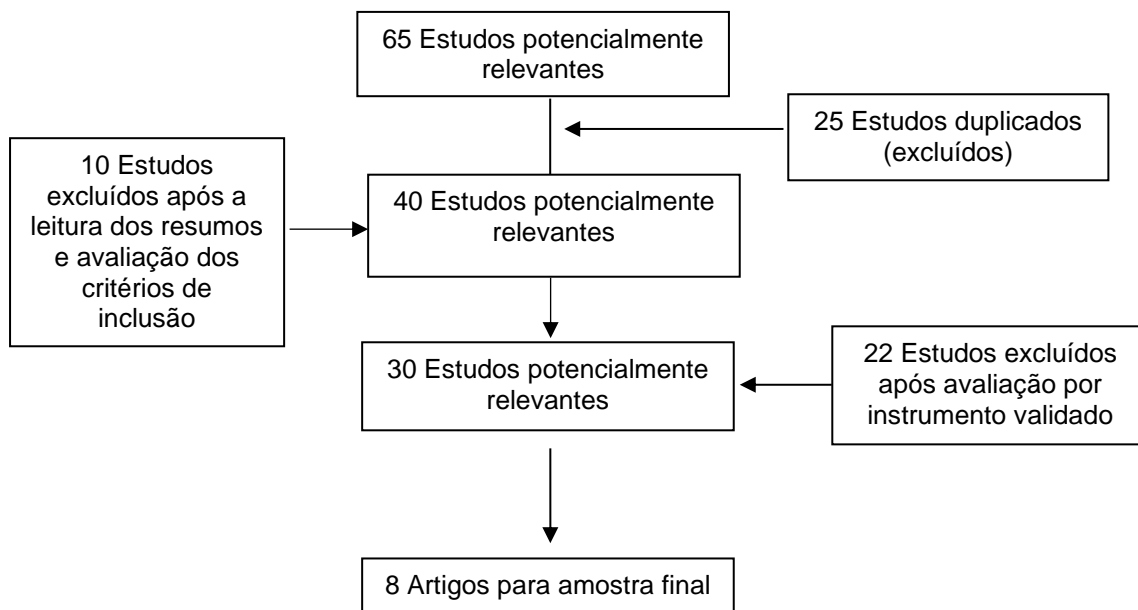
3ª etapa: Para coleta e organização de dados coletados, foi realizada a identificação os artigos pré-selecionados e selecionados, essa etapa dedicada à análise criteriosa dos títulos das literaturas, resumos, resultados e palavras chaves, quando estes não foram suficientes para a escolha, buscou-se a publicação na íntegra para melhor análise.

4ª etapa: Análise dos artigos selecionados com a descrição dos analisadores em relação às linhas conceituais. Foram selecionados nas bases de dados Acervo+ *Index Base* e no Mecanismo de busca do Google Acadêmico. Com os critérios de inclusão, foram selecionados 65 artigos. Após a leitura do título e resumo foram excluídos artigos por não contemplarem o eixo temático deste estudo, assim, foram selecionados um número de artigos para a amostra final.

5ª etapa: Análise e interpretação dos resultados. Nesta etapa foi realizada a interpretação dos dados por meio de uma análise criteriosa da literatura, descrevendo o assunto abordado e as discussões com autores sobre as teorias sobre a temática na área de saúde, constante no Referencial Teórico. 6ª etapa: Apresentação da revisão/síntese do conhecimento. Nesta etapa foram evidenciados os principais resultados obtidos da revisão integrativa realizada e descrita de forma narrativa.

Assim, foi realizada uma análise temática dos artigos obtidos nesses bancos de dados e houve uma criteriosa e detalhada análise das bibliografias, visando obter de forma sistemática e objetiva a descrição das informações e dos dados obtidos para possibilitar a recepção dessas informações. De cada artigo foram extraídas as seguintes informações: autores, título, objetivo, periódico, metodologia, ano e resultados. Com essas informações foi preenchido um quadro de revisão.

Figura 1 – Fluxograma das diferentes fases da revisão integrativa.



Fonte: Rodrigues ECG, et al., 2023.

RESULTADOS

Na realização de buscas nas bases de dados pesquisando a descrição “Violência Obstétrica”, “Cuidados”, “Enfermagem”, na Acervo+ *Index Base* e no Mecanismo de busca do Google Acadêmico localizou-se 65 artigos elegíveis, no entanto, realizou-se a exclusão de 57 artigos, por não atenderem os critérios de inclusão ou por não estarem relacionados a temática da presente pesquisa. Dessa forma, o número final de artigos elegíveis foram 8. A interpretação e síntese dos resultados encontrados estão demonstrados no (**Quadro 1**) contendo: autores, título, objetivo, metodologia, ano e resultados sobre os cuidados de Enfermagem na Violência Obstétrica.

Quadro 1 - Artigos científicos selecionados nas bases de dados.

Autor/Ano	Periódico	Base/Mecanismo	Principais achados
ZANCHETA MS, et al. (2021)	Esc. Anna Nery	Google Acadêmico	Mudar a perspectiva da população delineando caminhos para ações e métodos para que a enfermeira possa sair em defesa dos direitos humanos e obstétricos das mulheres. Estas estradas podem ainda influenciar o mesmo renascimento para a equipe e os assistentes multiprofissionais.
SILVA MI e AGUIAR RS (2020)	Revista Nursing	Google Acadêmico	É fundamental que o enfermeiro receba este paciente da melhor maneira possível e acalme-o, tirando as suas dúvidas, mostrando seus direitos como mulher e gestante com a finalidade de tornar essas consultas de pré-natal um ambiente receptivo e agradável para a paciente.
CASTRO ATB e ROCHA SP (2020)	Enfermagem em Foco	Google Acadêmico	O suporte físico e psicológico, o suprimento de condições apropriadas no ambiente para que a mulher se sinta confortável, como também proporcionar uma escuta ativa, sanando as dúvidas ou as preocupações relacionadas ao trabalho de parto e assim proporcionar o controle da ansiedade, uma vez que nesse momento é comum a mulher sentir esses sentimentos.
SILVA TM, et al (2020)	Acta Paulista de Enfermagem.	Google Acadêmico	Salienta-se que, para entender os benefícios do cuidado humanizado, é preciso que os profissionais especialistas tenham um papel fundamental em relação ao cuidado no da mulher no decorrer do pré-natal usando os métodos clínicos pautados em evidências, no conhecimento cuidativo baseado no respeito e suporte emocional.
MOURA RFM, et al (2018)	Enfermagem em Foco	Google Acadêmico	Os enfermeiros precisam trabalhar e proporcionar um ambiente higienizado e agradável que torne a ambientação confortável tanto para os profissionais quanto para os pacientes.
LIVEIRA MRR, et al (2020)	Revista de Enfermagem UFPE On line	Google Acadêmico	É necessário realizar os cuidados e prevenir a violência obstétrica com a equipe de saúde, cumprindo o dever de respeitar o protagonismo da mulher e sua dignidade no decurso do pré-natal completo até a sua alta.
SOUZA MP, et al (2021)	Revista Eletrônica Acervo Enfermagem	Acervo+ <i>Index Base</i>	Explicar com uma linguagem de fácil acesso, com metodologias e ações que ajudem no decurso da parturição e como ela também pode contribuir para impedir o uso de métodos invasivos não indicados, sempre analisando o risco e o benefício.
SOUZA ACAT, et al. (2019)	Revista Enfermagem UERJ	Google Acadêmico	Alterações nesse contexto estão vinculados a políticas públicas, com ênfase na formação profissional, especialmente das enfermeiras obstétricas, cujo papel é essencial em conjunto com a fortificação do modelo humanístico, visando respeitar a fisiologia do parto e o protagonismo da mulher.

Fonte: Rodrigues ECG, et al., 2023.

DISCUSSÃO

Nesta parte demonstra-se o debate com inúmeros autores acerca da temática abordada e seus objetivos referentes, sem rejeitar as concepções de outras obras que apresentam o tema discorrido.

O termo apontado por Souza ACAT, et al. (2019), “violência obstétrica” é utilizado no Brasil, assim como em outros países da América Latina, para se referir a diversas formas de violência que ocorrem durante a gravidez, parto, puerpério e aborto.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2020), as mulheres se tratando em escala mundial, são perseguidas, respeitadas, abusadas, negligenciadas e estupradas por equipes médicas com o auxílio da violência, mais comumente durante a assistência à saúde e o parto.

Quando se trata de violência obstétrica, para os autores Lansky S, et al. (2019), idealiza-se em frases que têm efeito ofensivo, ou que os desejos de uma mulher não estão sendo realizados durante o parto, e não relacionamos com outras atitudes que também são consideradas violência obstétrica, como, mediante à dinâmica do parto, utilização de fármacos não necessários para intervenções não comprovadas cientificamente. A experiência de dificuldade das mulheres em reconhecer a VO é uma questão complexa porque há influência por múltiplos fatores, semelhantes às situações de violência doméstica. Lansky S, et al (2019) ressalta que há uma distância entre mostrar uma agressão sofrida, reconhecê-la e nomeá-la como violência ou abuso tendo como ponto os aspectos do momento, como cuidar de uma gestante, cumprimentá-la e demais.

Vieira MEDA, et al. (2020) alertam que a violência obstétrica ocasiona apreensões e impactam a saúde de quem passam por essa situação, afetando negativamente a qualidade de vida das mulheres, desse modo, é necessária a inserção de políticas públicas pertinentes ao combate deste tipo de violência por meio da avaliação contínua e perdurável na assistência obstétrica desempenhada pelos serviços.

Em face destes achados, Marques GM e Nascimento DZ (2019), considera que os atos de conscientização e orientação dos profissionais de saúde precisam ser criados por através de programas de qualificação e ações de precauções, com enfoque nos profissionais de enfermagem que sejam mais próximos da cliente, com o objetivo de prestar auxílio ao parto humanizado e apropriadamente efetivo para a saúde.

As discussões em relação ao modo com que as mulheres eram tratadas durante o trabalho de parto começaram na década de 80, resultantes de alguns comportamentos discriminatórios e desumanos.

De acordo com Silva MI e Aguiar RS (2020), é enfatizado que a terminologia da violência obstétrica é usada para especificar as inúmeras formas de violência que ocorrem na assistência prestada no período da gravidez, parto, pós-parto e puerpério.

Os autores Castro ATB e Rocha SP (2020) ressaltam que o profissional que constantemente está em contato com as gestantes são os enfermeiros, pois está correlacionado no acompanhamento do pré-natal, parto, pós-parto e nas visitas domiciliares, a equipe de enfermagem pode interferir de modo direto no conhecimento de alguma cena de violência obstétrica até mesmo por intermédio dos profissionais de sua equipe.

À vista disso, Silva TM, et al. (2020) declara que ao conceber o hábito de falar mais sobre este tema impede que haja danos futuros, como uma recuperação prejudicial no pós-parto, depressão pós-parto entre outros. Algumas atitudes podem ser tomadas, como por exemplo, a realização de rodas de conversa com as gestantes, no decurso do pré-natal ter conversas francas originando laços de confiança que podem minimizar os casos. Oliveira MRR, et al. (2020) descreve a violência obstétrica como uma violação aos direitos das mulheres, visto que proporciona a perda da autonomia e da decisão sobre o seu próprio corpo, o que ocasiona muita conturbação e traumas a quem é acometido.

Segundo o Ministério da Saúde, o procedimento de humanização do nascimento, abrange também a viabilidade da parturiente ter um acompanhante, assim envolvendo necessariamente uma modificação nas atitudes humanas e nos processos aderidos (SOUZA MP, et al., 2021).

Moura RFM, et al. (2018) esclarece que quando se fala em violência obstétrica, o que vem à mente são frases que contêm resultados agressivos, ou o não a efetivação do desejo da mulher no momento do parto e não relacionamos com outros comportamentos que também são classificados como violência obstétrica, como por exemplo, a utilização de medicamentos que não tenham necessidade dependendo da dinâmica do parto, interferências que não são certificadas cientificamente.

Zancheta MS, et al. (2021) descreve em seu estudo a adversidade de reconhecimento pelas mulheres da vivência de VO, tornando-se uma questão complexa e afetada por múltiplos fatores, análogas as situações de violência doméstica. Existe uma distância entre apontar a agressão sofrida, e o reconhecimento para conseguir nominá-la como uma violência ou maus tratos.

Souza ACAT, et al. (2019) salientam que saber cientificar a gestante atualmente sobre as formas de violência que ela pode ser tratada, ao longo do caminho da gestação faz com que lá na frente ela possa reconhecer e discernir caso venha sofrer e a princípio entenda como pode agir e assim resguardar a si e ao seu filho, em muitos locais mesmo que o ministério da saúde, desenvolva programas, regras e normas em como examinar uma gestante, em como fazer o acolhimento nesse momento que abrange tantas perspectivas, sendo elas físicas e mentais.

Ainda se tem diversos profissionais que não estão preparados e muitas vezes são prepotentes, que nem percebem que estão propiciando a VO dentro do seu local de trabalho.

Portanto, Souza MP, et al. (2022) retrata que o momento de gestação é um período importante e frágil na vida de uma mulher, e o profissional de saúde está propriamente ligado a esse momento, em razão de ser incumbido para levar até a gestante os conhecimentos e os atos corretos, ocasionando a gestante que vai ao serviço procurar assistência para ter seu filho, com segurança, consolo, respeito, afeto e receptividade.

Em vista dessa percepção, a atuação de enfermeiros obstétricos na assistência ao trabalho de parto, parto e puerpério está correlacionada, diretamente, à aptidão do cuidado fornecido. Destaca-se o controle das práticas de intervenção desnecessárias, indo ao encontro da movimentação em prol da humanização do auxílio ao binômio mãe-filho no ciclo gravídico puerperal (POMPEU KC, et al., 2017). Silva MI e Aguiar RS (2020) informam que se torna indispensável o discernimento e o conhecimento acerca da temática de fazer parte da compreensão diária do enfermeiro, ademais, a educação em saúde tende a falar sobre assuntos pouco debatidos a essa população e, desta forma, informá-las quanto aos seus direitos que devem ser considerados e respeitados em qualquer momento do seu atendimento.

Curi PL e Baptista JGB (2018) enfatizam que as boas práticas empregadas pelas enfermeiras obstétricas são baseadas em evidências científicas e em consonância com as recomendações da OMS, além disso, o autor Leal SYP, et al. (2018) salientam que o enfermeiro deve estar qualificado e sensível para realizar o processo de parturição quando for o caso, para que as mães possam decidir com maior consciência, respeito e liberdade as condutas que escolhem antes, durante e após o parto.

Em suma, concluiu-se que a violência obstétrica pode causar sofrimento e efeitos na saúde de quem a vivencia, impactando negativamente na qualidade de vida das mulheres. Portanto, são necessárias políticas públicas efetivas para o combate a esse tipo de violência por meio da avaliação contínua e permanente da prestação de serviços de atenção obstétrica (ALMEIDA MM, et al., 2018).

Martins AC e Barros GM (2016), descrevem que os sistemas unificados de saúde devem desenvolver programas e campanhas de treinamento para prevenir essa violência, a fim de prestar assistência humana e adequada à assistência e à saúde durante o trabalho de gestação e parto.

A violência obstétrica causa dor, luto e problemas de saúde para quem a vivencia, e afeta negativamente a qualidade de vida dessas mulheres. Logo, políticas públicas de qualidade e efetivas para combater essa violência são necessárias. Diante desses achados, ações de conscientização e orientação dos profissionais de saúde devem ser desenvolvidas, mantendo o foco nos profissionais de enfermagem mais próximos da clientela, por meio de programas de capacitação e campanhas de prevenção para prestar atendimento humanizado e adequado à assistência à saúde no contexto do trabalho de gestação e parto (GIMARÃES

LBE, et al., 2018). Por fim, cabe destacar que a gravidez é um momento importante e delicado na vida da mulher, e que o profissional de saúde está diretamente envolvido nesse momento, por conseguinte, o responsável por levar informações e condutas às gestantes, assistência no parto, segurança, conforto, respeito, cuidado e hospitalidade (SOUZA AB, et al., 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, considera que a violência obstétrica causa medo, tristeza e ansiedade na saúde de quem sofreu, provocando impactos negativos na qualidade de vida dessas mulheres. Políticas públicas adequadas e eficazes no combate contra esse tipo de violência são precisas. Salieta-se que os programas de qualificação e campanhas para precaver tal violência, devem ser originados e desenvolvidos pelo Sistema Único de Saúde, para que assim seja prestada uma assistência humanizada e apta para o cuidado e à saúde no contexto do parto e nascimento. A enfermagem tem um papel fundamental perante a prevenção das violências obstétricas, sendo responsável pela educação em saúde tanto para a equipe dos enfermeiros como para as mulheres, se tornando uma peça principal durante o momento do parto, sendo este o profissional de grande compromisso para impedir as situações agravadores a saúde da mulher e do bebê.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA MM, et al. Vivências e saberes das parturientes acerca da violência obstétrica institucional no parto. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2018; 10(1): 1466-1472.
2. CASTRO ATB, ROCHA SP. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. *Revista Enfermagem em foco*, 2020; 11(1): 2-12.
3. CURI PL, BAPTISTA JGB. A medicalização do corpo da mulher e a violência obstétrica. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2018; 8(1): 123-136.
4. GIL AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2018.
5. GUIMARÃES LBE, et al. Violência Obstétrica em Maternidades Públicas do Estado do Tocantins. *Rev. Estud. Fem*, 2018; 26(1): 12-25.
6. GRADIM CVC, et al. Violência no parto: revisão integrativa. *Rev de Enfe UFPE Online*, 2017; 1(1): 1-11.
7. LANSKY S, et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2019; 24(2): 2811-2824.
8. LEAL SYP, et al. Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica. *Cogitare Enferm*, 2018; 23(2):1-7.
9. MARTINS AC, BARROS GM. Parirás na Dor? Revisão Integrativa da Violência Obstétrica em Unidades Públicas Brasileiras. *Rev. Dor*, 2016; 17(3): 215-8.
10. MARQUES GM, NASCIMENTO DZ. Alternativas que contribuem para a Redução da Violência Obstétrica. *Ciência Saúde Coletiva*, 2019; 24(12): 20-25.
11. MOURA RFM, et al. Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. *Revista Enfermagem em foco*, 2018; 9(4): 12-20.
12. OLIVEIRA VJ, PENNA CMM. O Discurso da Violência Obstétrica Na Voz Das Mulheres e Dos Profissionais de Saúde. *Texto & Contexto Enfermagem*, 2017; 26(2): 12-22.
13. OLIVEIRA MC, MERCES MC das. Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas. *Revista de Enfermagem UFPE Online*, 2017; 1(1): 1-7.
14. OLIVEIRA MRR, et al. Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. *Revista Enfermagem UFPE online*, 2020; 14(2): 4-12.
15. OMS. Organização mundial da saúde. Prevenção e Eliminação de Abusos: Desrespeito e Maus-tratos Durante o Parto em Instituições de Saúde. 2020.
16. POMPEU KC, et al. Prática da episiotomia no parto: desafios para enfermagem. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 2017; 7(2): 1-7.
17. RIBEIRO KG, et al. Caracterização da violência obstétrica na produção científica: uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2021; 13(4): e6604.

18. SANFELICE C, et al. Do parto institucionalizado ao parto domiciliar. *Revista Rene*, 2014; 15(2): 362-370.
19. SILVA MI, AGUIAR RS. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica. *Revista Nursing*, 2020; 23(271): 5013-5024.
20. SILVA TM, et al. Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos. *Acta Paul Enferm*, 2020; 33(2): 10-19.
21. SOUZA AB, et al. Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura. *Revista de Ciências Médicas*, 2016; 25(3): 115-128.
22. SOUSA ACAT, et al. Violência obstétrica: uma revisão integrative. *Rev enferm UERJ*, 2019; 27(4): 46-48.
23. SOUSA MP, et al. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. *Rev. Nursing*, 2021; 24; (279): 6015-6019.
23. VIEIRA TFS, et al. Conhecimento das mulheres sobre violência obstétrica: Uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020; 3(4): 9912-9925.
24. VILELA MEDA, et al. Avaliação da atenção ao parto e nascimento nas maternidades da Rede Cegonha: os caminhos metodológicos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2021; 26(4): 789-800.
25. ZANCHETTA MS, et al. Ampliando vozes sobre violência obstétrica: recomendações de advocacy para enfermeira(o). *Esc Anna Nery*, 2021; 25(5): 1-10.